

a beleza que queremos ter

Em 2010, um grupo de curadores de design se reuniu durante alguns dias num antigo mosteiro em Como, na Itália, para conversar sobre o ofício. Éramos apenas 21 participantes, mas de várias partes do mundo, entre os quais a curadora de design do MoMA, Paola Antonelli, o filósofo e ativista inglês John Thackara, e Julie Lasky, que logo depois se tornaria editora de design do New York Times. O que nos unia era uma prática anterior em nossos países afinada com o que os organizadores – o grupo Design Observer e a Fundação Rockefeller – pretendiam tratar ao escolher o provocante tema *Reasons Not to Be Pretty: Symposium on Design, Social Change and the “Museum”*.

Relembro esse encontro ao iniciar uma colaboração com a revista *Bamboo*, pois gostaria de, neste primeiro encontro com vocês leitores, fazer uma espécie de “declaração de intenções”. Não espere encontrar neste espaço coisas que são bonitinhas de se ver, e basta. Não espere encontrar “tendências” – mesmo porque não gosto da palavra e acho que o design que se preza as despreza ou ultrapassa. Não espere encontrar nomes badalados fazendo peças glamorosas em baixa tiragem para o consumo exclusivo de uma elite.

Esta coluna pretende dar visibilidade a um tipo de design que tenha um compromisso maior com a humanidade do que a simples experimentação estética. Não acredito em objetividade em jornalismo ou em curadoria. Os textos, publicações ou exposições que fazemos refletem uma visão de mundo, e a visão que me move é a do design como agente de mudança. Ao fim e ao cabo, para mim design tem o objetivo de melhorar a vida das pessoas. Desculpem os que são mais próximos a mim ou à minha trajetória por repetir mais uma vez o enunciado já repisado à exaustão, mas creio que reafirmá-lo é traçar um norte rumo ao qual iremos navegar por estas páginas.

Não estou sozinha nesse foco. Já há alguns anos nomes significativos da comunidade internacional do design têm batido nessa tecla. A realização em 2007 da exposição *Design for the Other 90%*, no Cooper-Hewitt Design Museum, foi um ponto de inflexão na programação e enfoque desse importante museu. A criação da premiação Index, na Dinamarca, em 2005, com alcance internacional, é outro destaque nessa procura – seus prêmios (que totalizam 500 mil euros por edição) vão para projetos que podem até ser considerados feios, mas que ajudam as pessoas a viver melhor.

E, para começar, um aperitivo do que vem por aí numa indicação fortuita de alguns projetos recentes que me encantaram, todos situados no espaço público e todos voltados para levar o livro e o hábito da leitura às pessoas.

O primeiro vem de Curitiba. Desde 2010 a Komm Design vem desenvolvendo carretas e veículos que, estacionados em parques e praias, abrem-se e oferecem uma cobertura a estantes de livros. “Queremos garantir a mobilidade e a originalidade de ir aonde o leitor está”, diz o designer Roger Rieger.

O segundo vem de São Paulo: o Parada do Livro consiste na instalação de uma estrutura de plástico para abrigar livros em pontos de ônibus, incentivando as pessoas a retirar e doar publicações. O projeto foi concebido pelas jovens Helena Nabuco e Helena Aranha como um trabalho de graduação na Escola Superior de Propaganda e Marketing. Inscrita em mecanismos de financiamento coletivo, a iniciativa conseguiu recursos para o início da instalação do suporte em pontos da capital, que acabou descontinuada devido à impermeabilidade da concessionária dos pontos de ônibus paulistanos à ideia de trocar o espaço hoje ocupado por publicidade. Nesse meio tempo, as estruturas foram para alguns pontos de ônibus em Belo Horizonte, Patos de Minas e Rio de Janeiro.

O terceiro vem do município de Simões Filho, na Bahia, e também nasce de um trabalho de graduação (na Universidade Federal da Bahia). A Bibliocicleta é um suporte de transporte de livros de fácil montagem e de baixo custo, que funciona como expositor em locais onde o acesso ao livro é deficitário. A autoria é de Augusto Leal, que lidou com técnicas e materiais low-tech, a seu alcance – tubos de PVC, lona de banner e tinta spray. O projeto já ganhou vários prêmios e levou Augusto a uma palestra no TEDx. Até hoje foram produzidos oito exemplares.

O projeto paranaense segue o script habitual de exigência de um cliente público ou privado para a sua implantação, mas os dois últimos são exemplos de uma nova postura dos jovens de ir à luta e implantar diretamente suas ideias, quase sempre num esforço coletivo e colaborativo. Os três, contudo, conjugam acessibilidade à população e amplo alcance democrático. Não residiria aí o que a gente pode considerar como uma nova compreensão do significado de beleza? Outros exemplos aqui mesmo, nas próximas edições.

‘não espere encontrar neste espaço coisas que são bonitinhas de se ver, e basta. a visão que me move é a do design como agente de mudança’



Impacto social

Na sobreposição, o projeto Parada do Livro, criado em São Paulo, que instala estantes para trocas espontâneas de livros em pontos de ônibus; e a Bibliocicleta em uso na Bahia – um suporte para livros feito com materiais reaproveitados e de fácil acesso.